

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

REIS, Elisa Maria da Conceição Pereira. Elisa Maria da Conceição Pereira Reis II (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 51min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Elisa Maria da Conceição Pereira Reis II
(depoimento, 2008)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Arbel Griner; Helena Maria Bousquet Bomeny;

Levantamento de dados: Arbel Griner; Helena Maria Bousquet Bomeny;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Arbel Griner; Helena Maria Bousquet Bomeny;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 11/07/2008

Duração: 3h 51min

Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto teve vigência de dois anos (2008/2009). Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

Temas: Assuntos familiares; Ciências Sociais; Economia; Estados Unidos da América; Feminismo; Formação acadêmica; História de vida; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Intercâmbio cultural; Movimento estudantil; Sociologia;

Sumário

1ª Entrevista: 11.07.2008 Origens familiares; lembranças da infância em Ibiá (MG); anos no Colégio São José e recusa ao convite para ser “Filha de Maria”; anos de estudo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); distanciamento da família; Formação; a herança da ditadura no meio universitário; a influência de Georges Gurvitch; a formação acadêmica em Minas Gerais e São Paulo; Militância; movimento feminista; diferença entre o engajamento político dos estudantes do seu tempo e da atualidade; Viagem para o Chile; colégio de freiras no Chile; Gláucio Ary Soares e a bolsa para a Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (Flacso); convivência com o curso de Economia; mestrado; Experiência nos Estados Unidos; as diferenças entre os EUA e a França quanto à formação dos cientistas sociais; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj); Países de língua portuguesa; contato com Portugal; reintrodução de Manoel Villaverde Cabral no Brasil; experiência com alunos de Angola e Moçambique; Interesses acadêmicos e profissionais; estudos sobre a relação entre Estado e sociedade; cargos na International Political Science Association (IPSA), na Iuperj e na Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs); Ciências Sociais, uma disciplina; a ciência social voltada para a singularidade brasileira; a falta de estudos de questões mais genéricas e universais; a sua dificuldade em abranger a Antropologia; Referenciais teóricos; referências brasileiras; estudiosos que a influenciaram e pessoas que formou.

Entrevista: 11/07/2008

Helena Bomeny - Eu acho que uma boa maneira de começar seria uma frase que você mesma fala, no seu Memorial, a respeito de Ibiá. E que fiquei muito curiosa, porque não é muito próprio da nossa geração uma referência como a que você fez, da desconfiança da escola pública, não é? Tem lá essa primeira referência, de você indo para uma escola de freira, uma escola particular, porque já se sabia... Eu acho que a gente podia começar conversando por essa cidade do interior, que tem pouco que ver com a minha cidade e não é um interior qualquer, é um interior preocupado com o francês, com etiqueta, com as maneiras, então, eu queria ouvir um pouco... Talvez fosse interessante a gente começar por aí. Como é que se cruza esse ambiente com o ambiente da sua família? Que lugar tinha essa escolha por uma escola melhor, no quadro da sua família? Como é que isso se deu, em Ibiá?

Elisa Reis – Bom, eu acho que eu tenho que falar um pouco da minha família, porque a gente tem uma experiência de familiar nuclear muito forte; que é surpreendente numa cidade pequena. Esse mundo que eu estou descrevendo aí é muito meu pai e minha mãe. Os meus avós são uma coisa diferente. O meu avô paterno, com que eu convivi mais, era um grande latifundiário, analfabeto, que guardava o dinheiro no colchão. E ele tinha, inclusive, um desprezo pela vida urbana. Todos os meus tios e tias moravam em fazendas, que eram divisões da fazenda dele, e ele achava que... Meu pai tinha fugido de casa, para estudar, quando tinha quatorze anos. Ele conseguiu fazer curso secundário, numa cidade distante. E meu avô achava isso uma coisa terrível. Tinha um certo desprezo pelas meninas. Nós éramos quatro filhas. Ele falava: “Vocês vão ter de casar com um mocinho do comércio. Vocês não entendem nada disso” – quando a gente ia passar férias na fazenda. Agora meus pais tinham uma coisa diferente. Meu pai valorizava demais o estudo. Sempre dizia que as filhas deles tinham que ser advogadas. Era o que ele queria. Agora, minha irmã mais velha se tornou advogada. Mas ele queria isso. E minha mãe tinha estudado... curso de normalista, não é? Mas também muito coisa do pouco francês que ela sabia. Por exemplo, lá em casa tinha livros em francês. Os livros de colégio dela, que ela prezava muito, e ficava tentando ensinar a gente. Agora a história do colégio é a seguinte. Que eu acho que era uma coisa mais geral. Era uma sociedade que eu -, hoje em dia, com a bagagem que eu tenho -, eu chamo de pré-classe. Era uma sociedade de status. E as pessoas de *bem*, digamos assim, como falavam lá, estudavam em colégios privados. O contraste era muito grande, pelo seguinte: de fato, quem tinha dinheiro, na cidade, eram

aqueles considerados *gentinha*. Estou usando o vocabulário de lá. Por quê? Porque a cidade era sede de... oficina da Rede Mineira de Viação, então os assalariados é que tinham dinheiro; os fazendeiros, eram todos decadentes, não tinham dinheiro. Por exemplo, a cidade passava o mês inteiro esperando a passagem do trem pagador. Quando passava o pagador, aí o comércio era todo animado, e depois passava. Mas os filhos dos ferroviários estudavam no grupo, os filhos da elite, digamos assim, estudavam no colégio das freiras. Que era um colégio feito pensando nas filhas dos fazendeiros de uma região muito maior. Porque não tinha escola para as filhas dos fazendeiros que moravam em fazendas, então elas... Tinha um internato, inclusive. E num raio muito grande, porque Ibiá já está lá quase no Triângulo, na entrada do Triângulo. E até Patos de Minas, que já é na direção de Brasília, tinha filhas de fazendeiro que estudavam no colégio; que era um colégio só de meninas. O grupo era misto. Tinha essa característica também. E o mais engraçado é que os dois confrontavam, quer dizer, era um quarteirão que tinha o colégio e o grupo. E esse contraste todo.

H.B. – E havia interação das meninas com o grupo?

E.R. – Não. Nenhuma. A gente era à margem. Então era isso a cidade. E essas freiras, que eu acho que caíram lá meio por acaso. É uma congregação muito pequena, não sei se três ou quatro freiras que, durante a guerra, fugiram da França e criaram uma congregação. A sede acho que era aqui no Rio. E elas tinham mais três, quatro colégios por aí, espalhados; e um deles foi esse, que, atualmente, pertence à Prefeitura. Elas venderam o colégio. Depois da opção pelos pobres...

H.B. – E aí ficou público.

E.R. – Agora, é público.

Arbel Griner. – Mas você não nasceu em Ibiá.

E.R. – Eu nasci em Araxá. Que fica a 50, 60 quilômetros de lá. Meus pais moravam lá na época. E se mudaram para Ibiá.

H.B. – E você faz menção, também, a uma recusa a um convite seletivo para ser Filha de Maria. Isso tem relação com a escola?

E.R. – Tem, porque é o seguinte: essas freiras eram muito repressivas; e minha irmã mais velha era muito dócil a elas. Minha irmã, que tem três anos mais que eu, era muito... era Filha de Maria... Então, assim, por contraste, eu dei muita sorte, porque eu tinha que me afirmar diferente. Tudo que eu não queria era ser Filha de Maria, que você não podia ir a baile, não podia se maquilar. Depois, eu não gostava de nada disso, nunca fui a baile, nunca me maquilei, mas eu queria ter a liberdade. [risos] E por isso que eu tinha essa coisa de: “não, não quero ser Filha de Maria”.

H.B. – Mas chegou a ser convidada.

E.R. – Fui convidada, e eu falei não quero. Aí era aquele escândalo. E me proibiam de ler *O Cruzeiro*, qualquer revista que tivesse lá. Eles falavam que era aí que eu aprendia as coisas indevidas.

Arbel Griner – Você é a segunda?

E.R. – Eu sou a segunda.

H.B. – Tem uma linha, que percorre a sua trajetória, que eu acho interessante. Você faz o primeiro ano científico, passa para o clássico; depois, a faculdade, em Minas, que está próxima da Economia, depois, nas Ciências Sociais, encontra a Matemática. Isso, no final, quando a gente vê a sua formação toda, foi uma formação..., embora não tivesse sido em Engenharia ou em área de exatas, mas, foi uma formação de Ciências Sociais, sem o temor do que seria uma área mais exata.

E.R. – Eu diria até mais, Helena. Eu diria que eu fui... que eu me tornei positivista muito cedo. [risos] Porque foi uma presença muito forte. E não sou só eu. Eu acho que isso é uma coisa muito da educação de Minas. Quando eu converso com outras pessoas, a gente se espanta muito, por exemplo, com a credence que tem aqui no Rio de Janeiro entre cientistas sociais, inclusive. Eu acho que a gente tinha, de fato, uma formação muito positivista, que foi se reforçando. Eu acabei no MIT.

H.B. – Mas por que você só fez um ano de científico?

E.R. – Porque eu comecei a fazer política estudantil e cismei que eu ia mudar o mundo, [riso] fazer revolução, e tinha...

H.B. – Já ali?

E.R. – Já ali. Foi o momento, quer dizer, eu saí de Ibiá, no primeiro científico, eu comecei a fazer política estudantil secundarista, que era uma coisa inteiramente nova para mim. E aí já tinha a fama da escola de Sociologia Política de Minas, como uma coisa revolucionária, então eu... “é lá que eu vou”. E aí mudei. Hoje, eu lamento um pouco isso, eu gostaria de ter tido uma formação mais *hard*.

H.B. – Você acha que teria terminado o científico e faria...

E.R. – Talvez até fizesse Física, ou Ciências Sociais mesmo; mas eu gostaria de ter tido uma formação mais *hard* em Física, Química e Matemática.

A.G. – Podia fazer isso? É ignorância minha. Podia fazer o científico e ir para um curso de humanas, digamos assim?

E.R. – Podia. Na época, podia.

H.B. – Porque essa era a divisão que depois terminou. Hoje, não tem isso mais.

E.R. – É. Hoje, não tem mais. Não era muito realista, porque você já começava a se preparar... Os cursinhos não tinham o peso que têm hoje, os cursinhos preparatórios de vestibular, então era de bom... era muito melhor você investir naquilo que você ia prestar vestibular; mas podia, tranquilo.

A.G. – Se se garantisse nas humanas...

E.R. – É.

H.B. – Porque você fala da militância, quer dizer, a militância já vem no clássico.

E.R. – É.

H.B. – E uma coisa que chamou a atenção da gente também, e eu reconheço como um traço da minha geração, é que essa militância política não era descolada do desempenho intelectual.

E.R. – Pelo contrário.

H.B. – Pelo contrário. Então, eu queria ouvir você sobre isso, já fazendo até as associações com hoje, porque é quase divorciado, hoje, para os estudantes militantes. Eu fico vendo os cursos de graduação. Mas nessa época, é testemunho meu, mas você viveu isso, era quase uma condição.

E.R. – Não, era condição. A liderança estudantil – em Uberaba e depois, na Faculdade de Ciências Econômicas – eram, realmente, os primeiros alunos. No caso da faculdade, tinha, inclusive, uma coisa interessante: o diretório acadêmico... Não se chamava diretório acadêmico porque os militares tomaram o poder e não podia... tinha que ter uma cara meio de grêmio, grêmio literário mas... o diretório acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas tinha um sistema de bolsa paralelo ao sistema oficial da faculdade. Você podia se candidatar à bolsa da faculdade ou à bolsa do diretório. Com base na excelência. Quer dizer, era... Realmente, isso era fundamental. O diretório tinha essa meta de excelência. Aí, quem tinha bolsa era obrigado a ficar o dia inteiro lá, estudando, e ganhava um dinheirinho por mês. É a bolsa de iniciação de hoje em dia. Só que tinha ponto. Era muito mais estrito.

H.B. – E você acha que isso se perdeu por alguma razão da política ou das Ciências Sociais?

E.R. – Eu acho que se perdeu mais pela democratização. Como diria o Tocqueville. Toda vez que você democratiza o ensino, você tem uma perda de qualidade. Isso é inevitável. Quer dizer, isso não é bom, nem ruim, como dizia o Tocqueville, isso é assim. Eu acho que isso é o fator principal. Cada vez eu estou mais convencida que a pior herança da ditadura foi o fato de, no meio universitário, juntar autoridade e autoritarismo; então, você não tem mais autoridade. E universidade sem autoridade perde o padrão de excelência. Quer dizer, fica meio sem sentido, por que você tem que ser bom, se não tem hierarquia.

H.B. – Mas isso é interessante porque eu acho que isso é mais geral.

E.R. – É, é muito mais geral.

H.B. – A dificuldade de lidar, na democracia, com a ideia de autoridade, por essa fusão que se fez com autoritarismo.

E.R. – É. Eu acho que é por aí.

H.B. – É. Talvez. Porque a discussão que os professores têm, hoje, na escola, passa muito por isso também.

E.R. – Passa muito por isso, é.

H.B. – Elisa, a gente tem uma pergunta, que ficou para a gente desde o começo dos roteiros dos cientistas sociais dessa geração, os que passam pelo Rio, no seu caso, de Minas, aparece mais forte também. Tem duas figuras, um na formação intelectual, lá no curso mesmo, que é Gurvitch, que eu tinha muita vontade de ouvir –, eu só ouvi isso dos mineiros, não sei se isso é uma particularidade da formação em Minas – se isso tem lugar, se você ainda acha que é uma referência importante –, e a outra, já no Rio, que é a do padre Ávila.

E.R. – Olha, o Gurvitch era uma pessoa que tinha um peso muito grande na França. Quer dizer, ele foi, mais ou menos, o Parsons da França, muito tempo. É surpreendente que ele não tenha penetrado em outros lugares no Brasil, que eram tão *francesófilos*, porque ele era muito forte. E acho que marcou todos nós que estudamos em Minas. Hoje em dia, eu acho que eu mesma não consigo resgatar muito da importância substantiva; mas tinha uma coisa fundamental, que era sistematicidade e lógica. Tudo era classificatório e tal. Eu acho que você aprende isso, a sistematizar e cobrar a coerência lógica das coisas. Criar tipologia...

H.B. – E era um tom daquela formação mais em Minas. Você também localiza isso?

E.R. – É. Eu também localizo isso, claramente.

H.B. – E você acha que tem diferença, as culturas acadêmicas formam cientistas sociais de forma diferente?

E.R. – Certamente. Certamente. Uma coisa que eu gosto muito de falar, acho que eu devo ter te falado, que os paulistas ficam chocados, Florestan Fernandes não teve nenhum peso

na minha formação. Não tenho nada contra ele, mas não teve mesmo. Porque são escolas diferentes.

H.B. – Mas é interessante isso. Um dos debates fortes é que as Ciências Sociais teriam se institucionalizado, no Brasil, por São Paulo. Esse é um argumento, pelo menos, uma posição. E muito associado à escola e muito associado à liderança do Florestan.

E.R. – É.

H.B. – E você tem outros ambientes de institucionalização de Ciências Sociais, que não passam por isso.

E.R. – É. Na verdade, até entendo a hegemonia paulista, porque o tamanho e o montante de recursos sempre foi muito maior. Então, de fato, ela teve mais peso na formação de cientista social de outras regiões, por exemplo. Minas e Rio, era muito mais atendendo a clientela local. E São Paulo não, tinha uma vocação de treinamento nacional. Eu acho que é por isso que é difícil. Mas, certamente, você tinha escolas diferentes: Rio, Minas, São Paulo.

H.B. – Mas, pelo menos, num núcleo mais central, o diálogo de Minas com o Rio foi mais forte?

E.R. – Não sei...

H.B. – De presença. Eu fico pensando no Iuperj, fico pensando na vinda... Ou isso se deu em São Paulo também?

E.R. – Isso se deu em São Paulo também. Eu estou tentando me lembrar quem é que foi para São Paulo... Não. São Paulo, talvez estivessem outras áreas intelectuais. Por exemplo, o jornalismo paulista. A vanguarda era formada em Minas. Agora ciências sociais, eu acho que não. Por quê? Porque São Paulo não tinha posições novas; o Rio estava criando posições novas, então atraiu muita gente. Quando se criou o Iuperj, basicamente, eles recrutaram em Minas. Simon, Amaury, Renato, Olavo, Baesse, eu. Quer dizer, era muita gente. Porque foi uma criação de espaços novos. E São Paulo, quando surge Ciências Sociais dentro da USP, já é uma criação de espaço para os paulistas, porque já existiam outros nichos. Pedagogia, Educação...

H.B. – E quem vem são os estrangeiros...

E.R. – É.

A.G. – A gente pode ficar um segundo no Gurvitch? Eu queria fazer uma pergunta também. Você disse que, hoje, você consegue resgatar como importante nele o negócio da sistematização, da...

E.R. – É. Da lógica, da tipologia.

A.G. – Da lógica... Então, hoje, você não incluiria ele num programa de... sei lá, graduação ou pós, mas quem incluiria, para dar conta desse tipo de elemento, digamos assim?

E.R. – Não... Por exemplo, o Jeffrey Alexander ou o Randall Collins. São duas pessoas. O Jeff Alexander mais a primeira fase. A produção dele hoje eu não incluiria para a graduação, porque ele é muito cultura, não é tão básica. Mas os primeiros três livros dele, certamente, poderia incluir. E o Randall Collins, que sempre foi muito sistemático, que tem uma ideia assim de... formativa mesmo. Que é uma coisa difícil hoje em dia. Se você pegar, no Brasil, você não tem livros formativos, as pessoas têm tópicos, mas elas não estão preocupadas em formar cientista social quando elas escrevem um livro.

A.G. – Então você acha que falta isso aqui.

E.R. – Acho.

A.G. – E um livro que teria sido dado para a graduação na sua época, você acha que não caberia hoje?

E.R. – Não. Tem uns livros que sim. *Economia e Sociedade*, que a gente lia inteiro, (sem entender, mas lia) eu acho que ainda é um livro formativo, sem dúvida. Mas, dadas as condições da produção hoje em dia, é ilusório você achar que vai mandar o aluno ler *Economia e Sociedade*, 200 páginas por semana, como fizeram comigo, porque ele lê muito menos e ele tem muito mais demandas. Você tem que ler sobre diversas coisas. Os cursos, na minha época, não eram semestrais, eram anuais, e todo mundo assistia a aulas todos os dias, de sete e meia até o meio-dia, então você podia ver muita coisa, inclusive aos sábados. O curso de Teoria Sociológica, eu tinha quatro aulas por semana.

H.B. – Você falou disso quando falou do Faber. É interessante essa arrumação. Mas como era? Era uma grade? Você já sabia como era?

E.R. – É. Sabia. No último ano, porque não era período, você tinha direito de escolher não sei se uma ou duas optativas, o resto era comum para todos. O curso começava em março e acabava em dezembro, então você via muito... Ao invés de ficar picotando, cada hora você estuda uma coisa, você tinha um contato permanente com o professor, ele te formava mais.

H.B. – Em 68 é que a reforma altera isso.

E.R. – É.

A.G. – Eu te tirei do padre Ávila.

H.B. – Não. E padre Ávila. Eu tenho muito curiosidade pessoal com essa referência.

E.R. – O padre Ávila, eu o conheço mais do Ibrades, onde eu trabalhei. Quando eu vim para a PUC, quem me apresentou lá foi o Bolívar Lamounier. Eu terminei meu curso no Chile, queria vir para o Rio, e o Bolívar me levou lá, me apresentou para Helena Levin, que era chefe de departamento, e eles estavam precisando de alguém para dar teoria sociológica, porque o padre Ávila tinha acabado de se aposentar. O curso dele chamava Evolução do Pensamento Sociológico. Ele se aposentou e foi para o Ibrades. E no Ibrades, eu era assistente do Jaguaribe, e o Jaguaribe, o padre Ávila e outros, tinham um encontro semanal, à noite, para discutir os rumos do país, um projeto para a nação e tal. Aquelas coisas grandiosas. E eu fazia parte desse grupo. E o padre Ávila tinha má vontade comigo porque eu era mulher e porque eu não era católica, então era sempre uma coisa meio com o pé atrás. Mas acabamos nos entendendo. Tinha muita gente de Economia também. Tinha o Von Dollinger... Uma ala jovem de economistas do Ipea. E, toda quarta-feira à noite, a gente se reunia no Ibrades para discutir esses problemas da nação.

H.B. – E por que ele ficou com essa importância tão grande na memória da Sociologia, no Rio e na PUC?

E.R. – Eu o conheço pouco, Helena, porque eu cheguei, ele já estava aposentado. Foi por acaso que eu peguei a cadeira dele. Mas eu tenho a impressão que ele foi uma pessoa, pelo

menos pelo que as pessoas relatam, central no curso de Sociologia e política da PUC. Ele era a figura. Ele era liderança lá. Agora eu não convivi. Quando eu entrei, ele já tinha saído.

H.B. – Da PUC. Era. E essa imagem é mais da militância e do comprometimento social ou pela filosofia ou... por onde?

E.R. – Não. Acho que não. Eu acho que é pela parte acadêmica mesmo. Porque a militância dele sempre foi muito cautelosa. Ele era um pensador católico, muito... De uma outra geração, não é. Eu o entrevistei, nesse projeto de desigualdade. Ele está muito velho. Ele começou muito cedo. De fato, eu acho que ele tinha uma preocupação de formar gente e de ver se a pessoa... O dono do projeto do curso de Sociologia da PUC foi ele. E chegou a ser um curso muito bom. Tinha melhor reputação do que todos os outros no período em que ele estava lá.

H.B. – O da PUC. É. É referência, sim. Elisa, a experiência da graduação de Minas, ela já é diferente ali. Você fala de um contato muito próximo com Economia, com Administração, com uma Sociologia que já é uma Sociologia política. Isso se manteve? Quer dizer, era original, você mesmo conta que era uma experiência considerada. Você, olhando de hoje, você acha que aquele curso mantém a originalidade para a época e para hoje?

E.R. – Acho, Helena. Porque, naquela época, existia um curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, que era muito mais parecido com os outros cursos de Ciências Sociais que a gente tem; tinha suas peculiaridades mas tinha uma estrutura comum. A gente não, porque a gente estudava... assim, não era só porque era obrigada, economia. A gente estudava muito Economia, Matemática, Estatística...

H.B. – Porque entendia que tinha que ter?

E.R. – Não sei. Eu acho que sim. Quer dizer, a gente tinha uma coisa de ser diferente das Ciências Sociais. Todo mundo tinha muito orgulho. “Não, nós não somos cientistas sociais, nós somos sociólogos políticos”.

H.B. – Ah! Falavam assim?

E.R. – Claro. Tinha um certo desprezo com o pessoal da Filosofia, que era cientista social. Porque era um curso mais de elite. O vestibular era mais difícil, tinha Matemática no vestibular, o que afastava muita gente... Então tinha isso. Dentro da faculdade, eu imagino que a gente não era tão bem avaliado quanto os economistas, eles deviam ter preconceito com a gente; mas pelo lado da política, tinha muita afinidade. A militância estava em todas as... Administração não, era um caso meio à parte. Mas Economia e Sociologia, eram muito politizados. Eu acho que os contatos vinham mais por aí. Quer dizer, era diferente de Ciências Sociais. Quer dizer, quando... A minha turma foi a última, a turma que tinha Renata, Olavo e tal, já foi transferida para a Filosofia. Eles começaram comigo...

H.B. – A sua foi a última como?

E.R. – A minha foi a última. Os militares acabaram com o curso de Sociologia e política.

H.B. – Então ali... Quando você fala de última é porque acabou mesmo...

E.R. – Acabou. Acabou mesmo. Quem estava um ano atrás já foi transferido para a Filosofia, e terminou como cientista social.

H.B. – Ah... Quer dizer que Minas também teve a sua UDF.

E.R. – Teve. Certamente.

A.G. – Mas você acha que essas pessoas... primeiro, os seus contemporâneos nas Ciências Sociais, que eles tinham, talvez, essa motivação política, ou de justiça social, não sei, apesar de não optarem por essa bandeira, como você disse, dos sociólogos políticos?

E.R. – Não. Acho que tinham. Acho que nos dois lugares tinha isso muito forte. Só que o pessoal que estava na Sociologia Política era entendido, percebido como os *hard core*, o pessoal que gosta de Matemática e tal. Tinha essa afinidade. E a gente tinha uma formação muito mais pesada em... as coisas que eram diferentes. A gente tinha Direito Internacional, Direito Constitucional, pelo menos, uns três ou quatro anos de Economia, depois tinha História do Pensamento Econômico... Não tinha História do Pensamento Social, tinha História do Pensamento Econômico. Tinha muita proximidade com a Economia, que na época era mais politizada do que é hoje, nas universidades em geral.

A.G. – Eu queria trazer para hoje em dia, Porque a gente vê que... eu vou até usar as palavras da Karina, inserir ela aqui, que é muito clara a marca geracional que associa política e Ciências Sociais, no seu perfil. E como você vê isso hoje? Você fala de uma turma que ingressou depois da sua e já foi para a Faculdade de Filosofia, que ainda mantém esse perfil, não é? Engajado... E hoje, como a Helena disse, não sei se continua assim.

E.R. – É. Sem dúvida. Não é mais, não é? Mas não é mais, eu acho, porque o mundo não é mais, não é peculiaridade nossa. Eu acho que isso aí é uma peculiaridade histórica. A conjuntura histórica era assim. Se você pegar até universidades que... sei lá – Berkeley ou Columbia – também, os estudantes daquela geração tinham uma visão muito mais politizada do que têm hoje. Eu noto, porque eu dou muita aula por aí, que ainda tem um pouco disso. O que não existe mais são os mesmos canais de manifestação. Porque, não é geral, mas – em todas as turmas que eu dei aula, eu percebo que tem uma ala que está ali, obviamente, porque quer justiça social e tem ideia de um projeto político. Isso eu acho que é uma coisa... Isso no caso do Brasil, quando eu dou aula fora, não vejo nada disso. Então acho que talvez seja uma coisa de Terceiro Mundo, na ideia de ter um projeto nacional, não sei. Mas eu sei que isso é uma marca, ainda, no Brasil, ainda que muito mais difusa. Até porque não tem... Como não tem resistência, perde um pouco a graça, não é? [risos] Mas, em outros países, eu não noto isso, não. Acho que é uma coisa do Brasil ou, talvez, do Terceiro Mundo.

A.G. – No Primeiro Mundo, as motivações são...?

E.R. – São muito mais profissionais, em geral. Quer dizer, eu já dei aula... Dei aula ou tive contato. Alemanha, Itália, Estados Unidos, nos Estados Unidos do Oeste, do Leste, que isso também é muito variado, Noruega. Em nenhum deles eu percebo, sinto isso não.

H.B. – Mas querem se profissionalizar, e se apresentam para quê? Para fazer a política mais eficaz, para contribuir para... ou só por fruição intelectual?

E.R. – Você fala aqui ou fora?

H.B. – Fora.

E.R. – Fora, é uma coisa... Eu até não sinto tanto fruição. Tem isso também. Mas é muito mais eu quero um trabalho onde eu possa atuar de forma competente. Isso não está atrelado aos destinos da nação.

H.B. – Mas pode estar atrelado ao destino de um serviço público, por exemplo, melhor? De uma intervenção social?

E.R. – Nem isso eu percebo. Não. Eu percebo um projeto muito mais individual. O que também, eu não posso falar muito, porque eu dou aula um semestre, volto, não tenho esse contato tão mais permanente. Uma ou outra pessoa, que você vê que é motivada pela questão de justiça social. Mas é caso individual. Como turma, não... não sinto, mesmo, isso, sabe? Você escolhe ser cientista social ou cientista político ou sociólogo como você poderia escolher ser nutricionista ou engenheiro ou... É uma profissão.

H.B. – Foi uma oportunidade.

E.R. – Isso está mudando um pouquinho nos Estados Unidos, com a história de *Public Sociology*. Mas aí é porque tem professor doutrinando eles, que a Sociologia tem que ter uma função pública... Eu falo com eles, quando eles vêm com essa história de *Public Sociology*: “Mas a Sociologia no Brasil nunca foi diferente, sempre foi...” [risos]

H.B. –É interessante, porque eles estão se misturando, não é? E como é que o Taquinho entrou? Ele era estudante de...

E.R. – Isso aí é uma história tão engraçada, que não sei nem se vale a pena...

H.B. – Vale. É assim que eu queria que as biografias entrassem.

E.R. – É o seguinte. Eu era aluna do Fábio, irmão dele. O Fábio foi o introdutor do Parsons, que era odiado na faculdade.

H.B. – Fábio Wanderley Reis.

E.R. – É. Fábio Wanderley Reis. Quando eu passei para o segundo ano, que aí eu encontrei o Fábio como professor, metade da turma era gente que ele tinha reprovado no ano anterior, então todo mundo tinha um pavor com o Fábio; e acusações ideológicas, porque ele

dava autor reacionário... Aquelas coisas, não é? Eu estudava tudo que mandavam. Fosse bom, fosse ruim, eu estudava. E aí eu estudava Parsons pra burro. Eu gostava daquela coisa toda arrumada, sistemática. E, além do mais, como eu não sabia inglês, eu tinha que ler muito, para ver se entrava alguma coisa, porque não tinha tradução na época, então eu ficava lá relendo, tentando aprender inglês por conta própria.

H.B. – Aprendendo inglês com Parsons... [risos]

E.R. – É. [risos] E nesse esforço todo, eu acabei me saindo bem: eu fiz uma prova que eu ganhei dez. Mas eu era muito tímida. O Fábio não sabia quem era eu. Ele chegou na sala, falou assim: “Quem é Elisa?” Eu quase morri de medo. “Você teve dez.”. Aí ele falou... começou uma brincadeira bobá, “Ah! Tem dez, então vai casar com o irmão do professor, porque o professor é casado.” Todo mundo era bem comportado lá. [risos] Então...

H.B. – Ele anunciou publicamente seu casamento?

E.R. – Não. Ele só falou que eu ganhei dez. Os alunos é que começaram a me gozar com essa história. Não, o Fábio não brincava com essas coisas, não. Que vai casar, vai namorar o irmão do professor. Umas coisas assim.

A.G. - Em vez de ser a mulher do padre, ia casar com o irmão do professor.

E.R. – É. Aí, o que é que acontece? Isso daí... Nessa época, o Taquinho nem estava na faculdade ainda, ele estava no colégio estadual. Mas esse papo rolava. Eu não sabia, eu nunca tinha visto, nem ele tinha me visto. Mais tarde...

H.B. – Você, no segundo ano de Sociologia Política.

E.R. – É. E Taquinho [Eustáquio José Reis] ainda estava no curso secundário. Porque ele é um ano mais novo que eu e porque ele estava um ano atrasado, mesmo. Então estava dois atrás de mim. Quando ele entrou para a faculdade, uns amigos dele que eram jornalistas, de sacanagem, trabalhavam no *Última Hora*, escreveram uma carta para o consultório sentimental do *Última Hora*, que era a Zuzu Vieira. Você lembra disso, Helena? Que era o Stanislaw Ponte Preta. Ele assinava uma coluna que as pessoas faziam consultas sentimentais. Esses colegas dele, jornalistas, escreveram uma carta falando “o que é que eu faço? Eu estou apaixonado pela

Elisa, da Sociologia” – e botaram o meu nome, tudo, e o nome dele – “Mas eu não tenho coragem de abordar”... A maior sacanagem, que fizeram com ele.

H.B. – Mas já inspirados nessa história do seu dez?

E.R. – É. Porque esses amigos dele que trabalhavam em jornal, um deles era meu colega de sala.

A.G. – Mas vocês se conheciam? Nunca tinham visto...?

E.R. – Não. Nunca tinha visto. Quando saiu esse negócio no jornal, eu fiquei muito constrangida, porque apareceu meu nome, e ele também, não é? Alguém me mostrou: é aquele ali. Aí tinha uma pessoa chamando o elevador com o pé. Era ele. [risos] Eu fiquei escandalizada. Falei: “Deus me livre! É esse que estão me arranjando? Nem pensar”. [risos] E aí, nesse mesmo dia, eu estava num cinema de arte lá, que tinha uma sessão de arte toda semana, num cinema lá, ele chegou e falou: “Olha, eu queria me apresentar e pedir desculpa. Eu espero que você não acredite que eu fiz isso.” Ele veio me pedir desculpa, aí a gente começou a conversar. E assim que eu o conheci e acabei namorando.

A.G. – E casando...

H.B. – Isso que é profecia.

E.R. – É. Isso é que é profecia, que dá certo.

H.B. – Que se cumpre, é.

E.R. – É, se cumpre. É uma história que eu espero que fique *off the record*.

H.B. – Não, não precisa ficar. É muito interessante. E ele foi para Economia.

E.R. – Ele foi para Economia.

H.B. – Já sabia que era. Então aí, você que já não tinha problema com...

E.R. – O Jacques, que você conhece, Jacques [INAUDÍVEL], era parte dessa patota, dessa brincadeira.

H.B. – E Elisa, e vocês, então, fizeram todo o curso ali.

E.R. – É. Eu terminei... Ah. Você fala a minha turma de Sociologia?

H.B. – Não. E o Taquinho na Economia.

E.R. – Na Economia. Mas só que eu terminei dois anos antes dele e fui embora para o Chile.

H.B. – E ele não foi...

E.R. – Ele não foi. Quando eu voltei para o Rio, ele ainda estava terminando lá. Porque eu fiquei um ano no Chile e um ano no Rio, sem ele. Depois, ele veio fazer mestrado aqui na Fundação, na EPGE, e aí a gente está junto desde então.

A.G. – Mas mantiveram contato nesse tempo que você passou fora.

E.R. – É. Meio aos trancos e barrancos, mas mantivemos.

H.B. – Mas foi muito forte, não é? Resistiu ao Chile e a tudo isso. E você quando fala do Chile, tem um grupo, o Simon também, o Chile foi uma referência para ele, nessa época. Você manteve contato? Porque você não foi para o Chile por razão política nenhuma, você foi por...

E.R. – Não, eu ganhei uma bolsa.

H.B. – Exatamente. É uma lembrança que você mantém ainda?

E.R. – Sim, foi muito forte. E eu acho que eu não mantive contatos mais íntimos porque eu fui embora para os Estados Unidos, porque do contrário teria sido uma referência muito forte na minha vida. E era ainda mais apolitizado do que a faculdade em Minas.

H.B. – Elisa, tem uma questão, mas aí é no curso mesmo, um pouco provocando você para trás. Você também é de uma geração, a nossa geração, em que as mulheres não tinham tanta expressão, nem tanta facilidade para entrar no mundo profissional, nem para certas discussões. Eu queria saber se essa questão de gênero, se você olhando hoje, se você percebe dificuldades ou embaraços ou limitações que tenham vindo daí. Ou você acha que precisou

fazer mais do que se fosse homem para ser aceita e para ter essa legitimidade que você tem hoje.

E.R. – Para ter aceitação? Não. Eu diria quase o contrário, que eu me beneficieei do momento histórico, em que as mulheres eram escassas e passaram a ser valorizadas. Eu não sentia isso. Quer dizer, primeiro que eu não tinha irmão, essa questão de igualdade de gênero era sempre... Meu pai pregava isso o tempo todo, em causa própria, que só tinha filha. Depois, na faculdade, nunca senti isso. Aqui na Fundação, no Rio, que foi um dos meus primeiros empregos, as pessoas mesmo falavam “não é difícil?”. Não. Eu nunca me percebi como tendo que enfrentar essa dificuldade. E a partir de certo momento, sobretudo a partir do MIT, eu comecei a sentir o contrário, que era muito fácil, quase um oportunismo histórico: eu era mulher, latino-americana, então eu entrava num momento...

H.B. – Lá?

E.R. – É. E aqui, eu acho que ser mulher, algumas vezes, também me ajudou, nesse momento histórico, em que as mulheres tinham que ser incorporadas e existiam poucas disponíveis.

H.B. – Mas você acha que aqui tinha isso, que tinham que ser incorporadas?

E.R. – Não. Mas por exemplo... Não tinham que ser incorporadas. Mas no momento que as feministas começaram a trabalhar... Hoje, eu dou mais valor ao trabalho delas do que eu dava na época. Na época, eu era meio alienada dessa coisa. Porque, por exemplo, eu me lembro, logo que eu voltei do MIT, eu era fotógrafa, mas fotografava porque eu gostava, e uma pessoa dessa militância feminina me propôs expor fotos, uma exposição de fotos de mulher. Aí eu falei: “não, minhas fotos não têm padrão para ser expostas”. Ela falou: “não, mas não faz mal, é só de mulher”. E eu fiquei irada. [risos]Hoje eu entendo mais isso. Porque elas estavam num momento histórico em que aquilo foi importante. Eu tenho mais respeito hoje do que eu tinha na época. Por isso que eu estou te falando que eu acho que eu fui um pouco oportunista.

H.B. – Oportunista, não. Estava no lugar certo, na hora certa.

E.R. – Nesse sentido, é...

A.G – Soube se comportar de maneira correta...

A.G. – Acho que a Elisa podia falar um pouco do Chile. Depois, você volta para o Brasil e vai para o MIT. Um pouco da pós-graduação e desses ambientes que você freqüentou na pós.

E.R. – No Chile, naquele momento, eu acho que era o lugar da América Latina mais atraente para um cientista social. Tinha coisas de todas as... Todo lugar tinha problema, todos os exilados conviviam lá, e aquilo gerava uma interação maravilhosa. Eu estava no *Ilades*, que era uma instituição católica... Que eu não sabia, eu era tão ignorante que eu não sabia que era católica. E eu fiquei muito mal quando eu percebi que eu estava num lugar...

H.B. – De novo num colégio de freiras...

E.R. – Colégio de freiras, pois é. E eu fui para o Chile com um pouco de pânico, porque eu terminei a faculdade, falei assim: “mas eu não sei fazer nada”. Meu pai querendo me arranjar um emprego no Banco do Desenvolvimento, e eu falando “Deus me livre! Não sei fazer nada em banco. Não quero isso. Então vou estudar mais.” E caiu essa bolsa, eu fui. A bolsa era dos padres, mas eu não sabia. Não sabia. Eu não estava nem atenta para o fato de que eu tinha que falar uma língua diferente lá. Fui. E aí, quando eu cheguei e vi que era esse negócio católico, eu fiquei muito mal. E ficou óbvio. O padre que dirigia a instituição me chamou, me mostrou uma passagem, disse: “Sua passagem está aqui. Se você quiser ir embora, você vem cá e pega. Mas dá um tempinho.” Isso me relaxou. E eu comecei a gostar. E eu morava com três pessoas que estudavam na Flacso. O negócio da Flacso, tinha acontecido uma coisa interessante. Eu vim ao Rio fazer concurso, para ser entrevistada, porque eu queria ir para a Flacso. Antes de ganhar essa bolsa. Tinha uma vaga para Minas. Eu e uma colega viemos e tentamos. Eu era muito nova...

H.B. – Por quê? Eles dividiam assim?

E.R. – Não. O Gláucio Ary Dillon Soares era o diretor da Flacso na época e ele tinha decidido que queria levar uma pessoa de Minas. Eu vim com essa minha colega ao Rio, a gente foi entrevistada. Ela era mais velha, mais segura, eu era muito nova, eu tinha... Quando eu fui entrevistada, eu tinha 17 anos. Aí o Gláucio ficou com medo. – Não, tinha mais, tinha 19. –

Ficou com medo. E achou que eu era... Ele não percebeu nem que eu morava sozinha em Minas. Ele achou que eu era filhinha assim, toda protegida, aí não quis.

H.B. – Não quis arriscar.

E.R. – É. Deu a vaga para a minha outra colega. Que acabou não indo. E eu ficava chateadíssima com isso. Ela acabou decidindo não ir. Quando eu cheguei e o Gláucio viu que eu estava no Chile, aí ele me chamou. Falou: “não, você vem para a Flacso”. Eu fiz um erro histórico. Até hoje ele brinca, que foi um erro histórico dele. Mas eu não quis. Falei: não. Agora é uma questão de honra. Eu vim com passagem paga pelo Ilades e tal, vou ficar lá. Mas tanto o Gláucio como o Vilmar Faria, que era o segundo do Gláucio, insistiram muito. E eu fazia uns cursos por lá, então eu tinha interação no Ilades, na Flacso e na Escola Latina, que era a escola de Economia da época, lá no Chile.

H.B. – Sempre perto da Economia.

E.R. – É. Eu convivia com essas três coisas. Muito porque também eu morava com gente que namorava economistas, então a gente convivia muito. Eu conheci o Edmar Bacha no Chile.

H.B. – Ah! Foi lá?

E.R. – Foi. Apesar dele ser mineiro. Ele tinha feito doutorado nos Estados Unidos. Antes de vir para o Brasil, ele foi trabalhar no Chile.

H.B. – Interessante isso. Hoje, não tem nenhuma referência nossa com o Chile. De juventude. Nenhuma. Eu fico impressionada. Quase que não ...

E.R. – Nenhuma mais, não é? Não é mais presente.

H.B. – Nada. Mas foi muito forte.

E.R. – Foi muito forte.

H.B. – Porque a minha... Isso é ignorância minha mesmo. Eu lembrava sempre do Chile como resultado da opressão aqui, mas não é. Você está me falando de uma troca que é anterior.

E.R. – Não, não. Por exemplo, a grande inovação de Minas – a introdução de Parsons e de todos os economistas – veio do fato de que quatro ou cinco mineiros foram levados para a Flacso, que eram o Flávio Wanderley Reis, o Antonio Otávio Cintra, Simon Schwartzman e o José Maria... esqueci o nome – que foi o quarto, que não ficou no core; mas os três tiveram um impacto muito grande nas Ciências Sociais brasileira. E todos aprenderam no Chile, todos como alunos do Galton, que era um metodólogo muito forte, e do Peter Heinz.

A.G. – Essa bolsa era de pós, da Flacso?

E.R. – Da Flacso, é. Só que não tinha nada...

A.G. – Você pleiteou com dezenove anos!

E.R. – É. Porque eu terminei faculdade muito cedo. Como você faz a entrevista antes, não é?

H.B. – Mas é muito cedo.

E.R. – Eu entrei na faculdade com dezessete. 17, 18, 19... 20 eu estava formada.

H.B. – Isso também é muito fora de esquadro.

A.G. – De padrão, não é?

H.B. – É. Porque hoje você tem... Os nossos alunos entram... essa última turma nossa aqui tinha um de 16, 17 anos. Mas não era comum.

E.R. – É. Lá também, não era tanto assim, não. Mas aí vem, de novo, que eu tinha entrado na escola muito cedo, meus pais punham a gente na escola muito cedo; e eu ainda fiquei um ano parada, porque eu entrei cedo demais, você não podia passar. Minha irmã, eles foram no cartório e alteraram a idade dela. [risos]

H.B. – É. Se nascesse até junho, não é?

E.R. – É. Mas eu nasci em maio, então eu podia entrar um pouco mais cedo. Então foi isso. Mas eu acho que o Chile, realmente, tinha um impacto muito grande. Não é só Minas,

não. Você vê, a Maria Hermínia no Chile, na Flacso. Tem outras pessoas por aí. A Sônia Draibe. O pessoal que trabalha com política social.

H.B. – E a Argentina não?

E.R. – Não. O que é que tinha acontecido? Nessa época, Helena, a Argentina já tinha sofrido os primeiros expurgos de cientistas sociais, então tinha muito argentino que estava dando aula para a gente lá porque não podia ficar no Chile. O próprio Faletto, que escreveu com Fernando Henrique, era um caso desses, tinha saído da Argentina por perseguição.

A.G. – Mas devia ser um ambiente muito estimulante, não é, porque estava todo mundo lá, seja se formando ou se exilando...

E.R. – É. Muito. É. Eu me lembro do *Dependencia y Desarrollo* em mimeógrafo, a gente lendo a versão, antes de virar livro.

H.B. – Era livro da minha formação. A gente tinha que ler. Florestan, eu li tudo. A UFF lia.

E.R. – Tinha que ler. - É?

H.B. – *Fundamentos Empíricos da Investigação Sociológica* e tudo isso.

E.R. – Pois é. Isso daí devia ser bom. Eu lamento não ter lido na época certa.

H.B. – E Fernando Henrique. Aquela coisa toda.

E.R. – Mas eu ia te comentar. A Flacso, era pós-graduação, mas ainda não tinha a noção de mestrado e doutorado. Naquela época, não tinha. Os doutorados que existiam, você fazia com o professor. A Filosofia dava um título de doutor, mas não tinha concurso, nem nada. Um aluno excepcional, ia lá, dizia “eu quero fazer um doutorado”; e aí escrevia uma tese, com um professor. Mas não tinha programa de mestrado ou de doutorado.

A.G. – É, eu vi, no Memorial, que você trata isso como uma pós, e depois você ainda vai fazer...

E.R. – É. Mas aí foi interessante, porque, quando eu vim para o IUPERJ e decidi fazer mestrado, o IUPERJ reconheceu os créditos que eu tinha feito no Chile, porque era pós-graduação. Tanto que eu fiz o mestrado a jato. Fiz um ano de curso e depois escrevi a tese.

H.B. – O que é muito fora de padrão, para essa geração, porque as teses eram equivalentes a tese de doutorado.

E.R. – Eram longuíssimas. É. As pessoas faziam...

H.B. – E mesmo a sua, de mestrado.

E.R. – A minha, mais ou menos.

H.B. – Era muito... As dissertações, hoje, de mestrado são muito mais econômicas, muito mais curtas.

E.R. – São muito mais, é. Lembra a dissertação de mestrado da Ângela, por exemplo. Era um livro. Mas eu não fiz isso não, Helena, fiz um trabalho bem rápido. Minha tese de mestrado tem setenta páginas.

H.B. – Elisa, você imaginava que ia para a França, ou pelo menos tinha mais simpatia, e você fala por uma reflexão doméstica, que eu imagino que tenha a ver com o casamento. Se você quiser falar um pouco, eu vou gostar de ouvir. Você foi para os Estados Unidos. Que avaliação você tem desta alteração? É quase um contra factual. O que teria acontecido com você, se você, de Gurvitch, tivesse ido para a França? O que você acha?

E.R. – É. Eu penso muito nisso. Eu acho assim, às vezes, eu comento com o Taquinho, que eu seria muito diferente. Ele acha que não. Ele acha que eu teria, claro, uma orientação diferente, mas que a minha trajetória não seria muito diferente. Eu acho que as referências seriam completamente diferentes. Nesse sentido, a gente é trabalhado mesmo. Se eu tivesse estudado na França, certamente, eu teria um padrão de carreira diferente. Por exemplo, eu teria escrito grandes livros... Nos Estados Unidos, você aprende essa coisa: olha, a produção tem que ser artigo. É isso que é rápido. Ciência é isso. O livro é um excepcional. Então eu peguei esse padrão. Se eu tivesse ido para a França, provavelmente, teria mais livros, menos artigos.

H.B. – Mas aí o Alexander está fora, não é?

E.R. – E provavelmente, Helena, eu teria um *network* muito diferente do que eu tenho hoje; provavelmente, mais circunscrito a pensar Brasil e América Latina. Acho que a experiência americana te deixa mais cosmopolita nesse sentido, você se preocupa mais com o resto do mundo. A Ciência Social francesa é muito voltada para a própria França; e quando ela pega estrangeiro, ela pega como... “o nicho dele é América Latina, o nicho dele é África”. Isso não tem nos Estados Unidos.

H.B. – Especializa mais.

E.R. – É.

H.B. – É curioso isso. Mas é verdade.

A.G. – Eu queria perguntar em relação a isso. A gente fez uma entrevista com o Gláucio e, alguma coisa, ele também fala sobre isso. E você diz que começa a pesquisar a imigração do Caribe para os Estados Unidos, e eu – não está explícito, mas eu senti que ali você tem alguma ideia em relação a sua construção *identitária*. Não sei se eu li certo.

E.R. – Não. Não foi nem escolha minha. No caso, não. É que eu precisava de dinheiro e, eu era assistente, e o projeto que estava disponível era esse. Não era nem um tema que eu gostasse muito, não. Eu achei interessante porque me permitiu perceber... Como eu fui estudar América Latina, imigração do Caribe, eu peguei muita coisa de imigração para a Inglaterra também. E aí eu comecei a perceber que depois que os Estados Unidos fecharam, a Inglaterra continuou aberta, e que a Inglaterra também estava se fechando. Eu percebi um movimento histórico. Era isso que eu achei mais interessante, você ver que a questão de abertura ou fechamento é uma questão de saturação de mercado de trabalho. Mas não era um tema assim... O tema anterior que eu trabalhei como assistente, que foi imigração rural – urbana, esse, de fato, me mobilizou e eu quase fiz tese sobre isso. Mas a imigração ilegal não, foi circunstancial na minha vida.

A.G. – Sim. Mas eu pergunto se isso, de alguma forma, fez você refletir sobre a sua identidade, digamos assim, os seus interesses. Porque hoje em dia, você transita pelo mundo, pelo que você diz, e... Eu não sei se eu estou atenta para essa questão e li coisas que não estavam, que você não quis dizer.

E.R. – Não. Sabe, eu tinha uma coisa, que agora eu estou fazendo um esforço para perder, mas eu tinha muita preocupação objetivista, então a questão da subjetividade, da identidade pessoal me preocupava muito pouco. Do ponto de vista individual não, sempre fui subjetiva; mas identidade nacional nunca foi uma coisa muito forte para mim, não. É uma coisa que... Eu até continuo insistindo nisso. Toda vez que eu tenho que falar na ISA, por exemplo, eu falo que a ciência é uma república nela mesma, o passaporte do cientista é o passaporte da ciência, não é o do Brasil ou de... Eu acho que é por aí. Não, eu sou quase o contrário. Eu sou reativa a isso. Hoje em dia, eu sou um pouco mais atenta para as subjetividades nacionais porque eu acho que a Sociologia toda está muito mais subjetiva hoje. Mas eu fui marcada por estruturalismo, objetivismo, então não muito tinha essa preocupação.

H.B. – No Memorial, ela até insiste nisso mesmo, esses dramas pessoais, essas dificuldades dos imigrantes interessavam do ponto de vista de perceber quanto podiam ajudar a entender a formação dos estados nacionais. Quer dizer, mesmo essa questão, ela incorpora numa preocupação que é mais...

E.R. – É. Se você pegar minha tese de doutorado, não tem, quer dizer, uma falha, que eu acho que é séria, ela não considera a cultura. Eu não tinha nada contra; mas eu não estava atenta para essa dimensão cultural que, hoje em dia, todos estamos.

H.B. – Aí, eu acho que é Tocqueville de novo. Porque os diferentes ficaram muito próximos, então você não pode não perceber, não tem como não perceber. [risos]

E.R. – É. Você não pode refletir. É, exatamente.

H.B. – Elisa, tem uma referência sua que me encanta, no Memorial, quando você fala que o distanciamento familiar facilitou o seu mergulho intelectual. E você fala da biblioteca e da Universidade de Minas como a sua casa. Você ficava mesmo o dia inteiro, tinha uma mesa que era... Eu imagino que essa tenha sido uma experiência que te armou para todas as outras fora do seu lugar de origem.

E.R. – Certamente. Isso é, de fato. Eu tenho consciência que eu estímulo todo mundo que puder sair do seu ambiente familiar, porque eu acho que você cria uma disponibilidade para

absorver coisas, absurda. Agora... tinha custo. Foi uma coisa muito traumática. E o meu grande choque cultural foi ali. Dali para a frente, tudo ficou mais fácil.

H.B. – O primeiro rompimento foi ali mesmo.

E.R. – É. Porque quando eu estudei em Uberaba, meus pais ficavam lá temporariamente, mas era uma coisa ainda muito protegida. Quando eu fui para Belo Horizonte, aí não, aí eu fiquei sozinha, eu tinha que equilibrar dinheiro, eu tinha que me virar. Não conhecia ninguém, ninguém. Belo Horizonte era muito distante de Ibiá. Naquela época, não tinha nem conexão rodoviária. O contato de Ibiá era mais por São Paulo. Apesar de ser mais longe, tinha estrada. Então, cada vez que eu ia em casa, eu tinha que viajar quatorze horas de trem, se não tivesse atraso. Eu estava disponível, eu assimilava tudo. Essas mesas de biblioteca não eram mesas individuais, eram mesas de quatro lugares, então a convivência social era muito legal também. Ficava ali... Eu morava ali realmente. E tinha uma coisa muito boa, que era a bolsa de alimentação. Eu comia, almoçava e jantava no bandejão da escola, que era no mesmo prédio. E uma coisa que Minas tinha, que eu achava *superlegal*: depois que eu terminei a graduação, me deram dois anos de carência, aí eu comecei a pagar de volta a bolsa. E aí financiei outros alunos. Eu acho esse negócio sensacional.

H.B. – A Fundação faz isso aqui.

E.R. – É muito legal isso.

H.B. – É. Quer dizer, então, a ida para o Chile já nem foi um problema. Você já tinha passado por Belo Horizonte.

E.R. – É. Não foi tão traumático. É, não foi, não. E Estados Unidos então, eu via que o Taquinho tinha muito mais dificuldade. Era a primeira vez que ele estava fora do país. Para mim era muito tranquilo. Quer dizer, não muito, mas muito mais.

A.G. – Eu ia perguntar isso. A Helena tinha falado... A gente estava conversando antes e não perguntou... Tem esse distanciamento, que te deixa tão aberta para tudo, e depois, quando você viaja de novo, depois de muito tempo, você viaja já com uma nova família. Se isso tira um pouco dessa disponibilidade ou se não, se já é uma história diferente. Você falou até dessas opções que você acabou tendo que fazer, influenciada por...

E.R. – É. Agora eu tenho sempre essa sensação de que, cada vez que a história me oferece escolhas, que eu acabo sendo oportunista, que eu tiro vantagem disso. Eu gosto muito de ter ido para os Estados Unidos. Claro que se eu não tivesse ido, eu teria uma visão diferente. Mas quando eu penso na minha trajetória eu falo “Gente! Eu podia ter virado um equívoco”. Porque eu acho que tem muita ciência social equivocada na França também. Eu acho que foi um privilégio, eu ter ido para uma coisa que não foi escolha minha. Na época, não era assim. Eu brigava muito. A gente tirava cara ou coroa, quem ia, porque... quem é que vai prevalecer? Mas acabou que eu acho que eu me beneficieei disso. Tinha vantagens e desvantagens, quer dizer, o fato de estar casada. Do ponto de vista de sociabilidade, era um pouco restringido... Eu não tinha consciência porque eu tinha morado antes em lugares muito abertos, no Chile ou aqui. Nos Estados Unidos, ser casada, era uma coisa que meus colegas se assustavam, porque ninguém era casado. Isso mantinha uma certa distância. Eu teria sido ainda mais integrada, eu acho, se eu não fosse casada. Por outro lado, morar nos Estados Unidos, sobretudo pela primeira vez, não é uma coisa muito fácil, não. Então, você ter um marido, você poder falar português em casa, dividir o estranhamento com outra pessoa, é muito bom. Eu vejo pessoas que eu conheço – meus sobrinhos, que estudaram lá, depois, sozinhos, é muito barra pesada. Então, tinha vantagens e desvantagens, sabe.

A.G. – E você morou num centro. As pessoas que moram no subúrbio, você não tem nem como...

E.R. – É. Imagina o que é. Eu morei num lugar muito vivo, muito cheio de opções. Imagina uma cidade perdida lá. [riso]

H.B. – Você sabe, quando eu estava terminando de ler o seu memorial, que me emocionou muito – eu li umas três vezes já –, foi inevitável uma associação que eu fiz com aquele livro do Bendix, o *From Berlin to Berkeley*. Tem um trecho em que ele fala que a nação dele é a universidade. Ele se sente um cidadão em qualquer universidade. E quando terminei de ler o seu memorial achei que você podia assinar essa impressão, e que isso talvez tenha começado ali em Belo Horizonte, e depois, estar no Chile, depois estar nos Estados Unidos, depois estar...

E.R. – É. Acho que pode ser sim. E é engraçado. O Bendix é, talvez, a influência mais forte que eu sinto na minha trajetória, apesar de nunca ter visto; mas ele me influenciou mais do que o [Burnington Wood], que eu fiz curso e que eu trabalhei. Eu fiquei com muita identificação com aquilo. Acho que eu diria o mesmo.

H.B. – E é muito interessante essa... É uma reflexão sobre a trajetória dele, que ele faz...

E.R. – É. Embora seja a biografia do pai.

H.B. – Exatamente. Embora seja um acerto de contas com o pai. Mas é muito interessante porque, em todo o tempo que eu vi você falar da forma como você viveu a profissão e viveu o relacionamento, está sempre esse ambiente do mundo, te dado pela via intelectual. E muito precoce isso. Você fala de profissionalização precoce. Eu acho que é uma intelectualização precoce, é uma atividade reflexiva desde tempo muito remoto. É a impressão que eu fiquei depois de ler.

E.R. – Acho que eu concordo com você. Nunca tinha parado para pensar isso, mas concordo.

[FINAL DA FITA 1-A]

H.B. – Você sabe, Elisa, que essa pesquisa nossa diz respeito a trajetórias de cientistas sociais em países de língua portuguesa.

E.R. – Eu vou ficar super curiosa para saber como é nos outros países.

H.B. – Nós também. Porque isso é muito recente aqui. Acho que nós fomos uma colônia que desprezamos muito o país colonizador.

E.R. – Acho que tem mais a ver com a história política de Portugal, não é. A ciência social portuguesa ficou arrestada muito tempo.

H.B. – Mas você tem alguma referência, algum contato, faz sentido para você, ou você ainda não se aproximou?

E.R. – Não. Tenho muito pouco contato. Na época que eu morei na Itália, eu morava, dividia apartamento com uma professora inglesa que tinha uma doutoranda portuguesa, que era a Tereza Beleza. Estudou em Oxford. Ela estava fazendo tese na época. Ela visitou a gente. Foi a primeira vez que eu vi ao vivo um cientista social português. E ela vinha de Direito. Que era a história de muita gente.

H.B. – E é uma tradição.

E.R. – É. Na ditadura, você não tinha opção, então ela saiu de Direito, em Portugal, para fazer Sociologia em Oxford. Depois, eu tive algum contato assim, de participar de reuniões conjuntas, com o Boaventura, logo que eu ele começou a aparecer, mas não chegou a ser uma interação muito intensa; e depois, ele tomou outro rumo, eu não tenho nenhuma proximidade mais. Mas tem um outro professor, que depois até se ligou a pessoas do IUPERJ, que é o Manoel Villaverde Cabral. Esse, eu tive algum contato. E eu fui acho que meio responsável pela reintrodução dele no Brasil, pelo seguinte. Ele era uma referência do Fábio Wanderley Reis. Que tinham me dito que era um bom cientista político. Quando eu estava mais na Ciência Política mesmo. Logo que eu fui para o Ifcs, teve aquele encontro Luso-Afro lá, e eles estavam precisando de convidar pessoas, não conheciam, eu falei: tragam o Manoel Villaverde Cabral. Ele veio. Participou de uma mesa, conheceu algumas pessoas e, mais tarde, se ligou muito ao Renato Lessa, mas nesse momento, ele veio, a gente conversou um pouco, numa mesa; e depois, ele usou trabalhos meus, que eu não sabia. A coisa que tem a ver com formação de estados nacionais... Ah não, não foi nem isso. Foi a questão de solidariedade. Ele usou muito o artigo, aquele artigo que eu escrevi no livro do Alexander, *Real Civil Societies*. Ele usou. Começou um diálogo entre a gente, mas não foi para frente também não. Começou ali, mas por razões... que eu também mudei de tema e tal, não ficou. Mas ele chegou a usar e, com isso, eu também me interessei pelo trabalho dele. Mas foi só isso, não tenho outros contatos com Portugal, não.

H.B. – Você acha que isso pode ter algum rendimento?

E.R. – Não. Certamente, Helena. Já até me ocorreu. Eu tenho curiosidade e vontade de entrar em interação com eles. Acontece que... Eu não faço isso mais por uma questão de agenda, que ainda não pintou. Mas acho que sem dúvida, que pode render, e o canal institucional que

tem para isso, por enquanto é o encontro Luso-Afro. Esse é muito grande. Eu não acho que, para mim, seria muito produtivo tentar contato via o Luso-Afro. O único que eu participei foi esse lá no Ifcs.

A.G. – E na formação? Porque tem no Ifcs, eu conheço um, mas deve ter mais de um. Na UFRJ circulam muitos alunos que vêm de países de língua portuguesa. Não sei se...

E.R. – Não, isso sim. A gente teve bons alunos de Angola, Moçambique. Atualmente, eu acho que tem menos presença, porque isso foi muito estimulado por um programa da Ford Foundation, que trouxe muita gente. E eu acho que teve um peso muito grande na formação de quadros, sobretudo em Moçambique. No momento diminuiu, mas ainda tem. Eu tive menos contato porque, quando eu fui para a Universidade Federal, esse programa já estava quase no fim; mas, mesmo assim, tive e gostei muito de interagir, tanto na graduação quanto na pós-graduação, com esses alunos.

A.G. – E na pós... Não sei se você lembra. Estou tentando só provocar também. Acha que são pessoas que vêm com uma formação muito diferente? Ou dá para ver que têm algumas referências comuns?

E.R. – É, os casos que vi, que foram poucos, como eu te falei, vêm com uma formação bem diferente. Na graduação, eu sinto, tem o problema da distância cultural, mas acho que na formativa também. Não é fácil para eles entender o contexto cultural brasileiro, quando eles chegam como alunos, e acho que a gente fornece poucos instrumentos. Eu comparava, por exemplo, com os recursos que eu tinha, nos Estados Unidos, para me adaptar ou para entender o código, com o que eles têm aqui, que é quase nenhum. Falta muito, sabe, para poder você... Quer dizer, o Brasil tem interesse, tem ajudado nisso, mas ainda é muito pouco sensível para o que é um programa de intercâmbio. O que salva é que os alunos são muito afáveis. Isso ajuda. Mas canais institucionais para integrar aluno você não tem. Tem redes informais.

H.B. – Elisa, aí é uma provocação de final de entrevista. Tem muita diferença a formação de cientista social da nossa geração, a formação de um pouco depois e de hoje. Você, duas vezes, na entrevista, falou que talvez fosse uma opção equivocada, que você podia se transformar num equívoco, indo para a França, se enveredando lá. Você acha que há uma

maneira mais própria ou mais adequada ou mais defensável para formar os cientistas sociais? Que crítica você faria?

E.R. – Quando eu digo que é equivocada, Helena, não é que eu acho que é errado ir para a França não, é que...

H.B. – Do seu ponto de vista.

E.R. – Não só do meu ponto de vista, mas dada a minha formação original, isso que eu comecei comentando, que eu acho que eu sou desde sempre positivista, eu acho que a ciência social francesa, ela tem uma coisa classificatória e tal, que é universal, mas ela é muito menos preocupada com teoria, com generalização. E eu fui vocacionada para isso desde muito cedo. Então, se eu tivesse ido para a França, eu teria me perdido nessa direção que é mais natural para mim. Para outros cientistas não é. Eu acho que é uma opção tão válida quanto outra qualquer você ir estudar na França. Só que eu acho que, para mim, me teria tirado de uma trajetória natural.

H.B. – Do ambiente onde você...

E.R. – É, onde eu me sentia mais à vontade.

H.B. – Mas e do ponto de vista da disciplina mesmo? Do ponto de vista de uma percepção do que é fazer ciência social?

E.R. – Da disciplina. Olha Helena, por essas mesmas razões que eu estou falando para mim, cada vez que eu... E de vez em quando, tem alunos que me pedem sugestão para onde ir estudar – eu acho que a formação acadêmica mais eficiente ainda é a americana. Porque tem essa preocupação formativa. Se você manda um aluno que ainda não está formado para uma universidade inglesa, para uma universidade francesa, dificilmente ele vai se formar de uma forma canônica, ele vai aprender uma coisa lateral. Se alguém vai fazer doutorado na Inglaterra e não sabe bem o que é que quer, o tema que quer, vai ficar perdido. A coisa lá, você tem que chegar pronto já e desenvolver um trabalho seu. Não é caso dos Estados Unidos, que é uma formação muito mais escolar mesmo, no sentido literal. Você chega, é obrigado a fazer cursos... Ela te dá uma formação mais... acho que universalizante, por exemplo, quando a gente veio para o IUPERJ, pessoas diferentes, que estudaram em lugares diferentes dos Estados Unidos e

vieram dar aula no Iuperj, apesar das universidades não serem as mesmas, a gente tinha uma formação parecidíssima.

H.B. – Era possível conversar sobre um projeto de formação?

E.R. – Claro. Eu acho que o Iuperj se beneficiou muito disso, a Ciência Política do Iuperj, do fato de que a gente tinha lido os mesmos livros, percebia a disciplina da mesma forma, apesar de ter estudado muitas milhas aparte um do outro. Porque é mais escolar. Tem um padrão. Você chega, é isso, você vai aprender... Na França, depende qual dos campus que você vai... Paris 1, Paris 10, muda completamente; e com quem você vai trabalhar. É mais autoral a ciência social francesa. Nos Estados Unidos ela é muito pouco autoral. É por isso que eu acho que ela é mais formativa.

H.B. – Nesse sentido, é mais democrática, então.

E.R. – Muito mais democrática, é claro.

H.B. – Porque se a França é autoral, você vai ou não, se estiver próximo do líder ou não.

E.R. – É. Se escolhe o guru errado você se dá mal.

H.B. – Exatamente. Ou, se não tem guru não tem como ir.

E.R. – Não tem. Isso é o lado mais objetivo e mais substantivo da coisa. Agora, o outro lado, não substantivo mas fundamental, é que as universidades americanas são infinitamente mais ricas, então você tem mais opção de livro, de recursos para aprender, de interagir com outras disciplinas. Quer dizer, não existe campus como existe nos Estados Unidos, em lugar nenhum do mundo não tem. É uma experiência única. Nas melhores, não é? Não sei se...

H.B. – Não. Em qualquer. Porque você vai... Em qualquer que eu digo assim. Eu estive agora em Nova Orleans, pela primeira vez. É um campus que te convida a ficar. Quer dizer, eles têm essa padronização do melhor, do confortável, da biblioteca, da...

E.R. – Eu estou falando isso mas tenho que voltar atrás. Quer dizer, não tem a mesma pujança mas... O que eu vi na Coréia, agora e de outras vezes que eu fui, é muito parecido. O conforto do campus, o montante de recursos...

H.B. – Eles associam isso a um padrão americano? Não?

E.R. – Eu não sei, Helena. Eu acho que os Estados Unidos são um modelo. Mas por orgulho nacional, eles jamais te diriam isso.

A.G. – Mas Coréia do Sul...

E.R. – É.

A.G. – Vou aproveitar que você falou de disciplina e falar de interdisciplinaridade, e depois puxar para os temas que te interessaram durante a vida. Mas primeiro falando da interdisciplinaridade, você cita, várias vezes, a importância de diálogo entre as disciplinas e eu queria saber quais os ganhos e quais os limites, porque por outro lado você reforça que é importante manter as fronteiras...

E.R. – É. Eu acho que para ter interdisciplinaridade tem que ter disciplinaridade, porque senão... Um dos grandes problemas atuais é esse. As conversas entre disciplinas ainda não se transformaram em novas disciplinas. Por exemplo... Sei lá. Biofísica já é um caso à parte. Já é uma disciplina. Mas tem uma porção de casos em que nem a Biologia nem a Física são tão estruturadas, e as pessoas ingressam em cursos, por exemplo, de pós-graduação, e saem com uma formação muito rala, muito difusa sobre diversas disciplinas; mas elas não têm formação em nenhuma disciplina. Acho que isso é um problema. O diálogo disciplinar bem feito ajuda a criar novas disciplinas. É nesse sentido que eu acho que é interessante.

A.G. – Você chega a esse tema mais recentemente. Você podia falar um pouco de como o seu interesse transitou entre...

E.R. – Entre disciplinas?

A.G. – É. Entre os temas que você pesquisou ao longo de sua carreira.

E.R. – É, eu acho que uma das primeiras coisas que eu me interessei, que eu trabalhei, era muito sobre formação de Estado. Porque eu acho que se eu tivesse estudado em outro país qualquer, na Europa ou nos Estados Unidos, na graduação, eu não teria essa marca, não. Mas eu vivi num momento que os Estados eram os atores fundamentais para promover desenvolvimento. Eram percebidos assim. Então eu tinha um interesse muito grande no que se

dizia que era a relação entre Estado e a sociedade. E desse ângulo aí, eu sempre estudei mais o Estado do que a sociedade. Não sei bem por que, não. Talvez porque fosse mais fácil recortar. A sociedade é uma coisa muito mais difusa, muito mais divisiva. E o Estado está lá. Você recorta e estuda.

H.B. – Você já migrou para cá um tempo.

E.R. – É, não, já consegui. Mas eu comecei por aí, pelo Estado. Acho que migrei a partir do momento que o desenvolvimentismo estatal começou a fazer água. Aí eu comecei a pensar do lado da sociedade. Mas também por uma questão, que eu acho que tem a ver com a questão da desigualdade social. A coisa da sociedade me interessou a partir da questão de desigualdade. E aí eu acho que talvez seja o primeiro momento em que eu relaxei um pouco a coisa de estudar estruturas e determinismos, que era sempre a minha marca. A questão da desigualdade eu acho que entrou na minha agenda de pesquisa, aí sim, já por sensações muito subjetivas. Basicamente, eu me sentia muito mal, eu tinha uma imagem assim, eu sempre me imaginava comendo num restaurante e alguém me pedindo resto de comida. Eu me sentia péssima com aquilo. E falava: “bom, tem que ter um jeito de estudar essa sociedade que convive e naturaliza isso”. Isso não é natural, mas a gente naturaliza. E aí, antes de entrar nesse projeto sobre percepção de desigualdade, eu estruturei um projeto, que eu nunca cheguei a levar para frente, que se chamava “Brasil: sociedade e mal-estar”. Um pouco jogando com a história do *welfare*, bem-estar, eu peguei essa sociedade mal-estar. E eu fui até conversar com o Sidney Verba sobre isso, que achou a ideia ótima, inclusive – “posso aplicar seu questionário?” – ele falou: “Claro, pode sim”. Porque eu queria pensar isso: o que é que torna uma sociedade capaz de conviver com tamanha diferença e desigualdade? E comecei... E de novo, eu sabia que não ia conseguir abrir nenhuma avenida nova estudando desigualdade do ponto de vista que os economistas, por exemplo, estudam: medindo, vendo renda – primeiro, isso já está feito e segundo, que não era a minha formação – então eu pensei nisso, em pessoas que controlam as decisões, elites, como é que elas veem essa desigualdade. Eu queria entender como é que elas justificam eticamente, inclusive, e politicamente, o fato de que a desigualdade está aí, eu convivo com isso. E daí fui estudar as percepções de elite. E no fundo eu acho que a preocupação aí é... Eu brinco que aí que eu me tornei socióloga, porque eu fico o tempo todo entre Ciência Política e Sociologia. Mas aí eu me dei conta que eu estava preocupada em entender o que é que mantém a sociedade. A questão básica: como é que a sociedade é possível?

Apesar das desigualdades, o que é que mantém a solidariedade social? E foi aí que eu comecei a trabalhar com elite, com aquele projeto que eu escrevi para o livro do Alexander, essas coisas.

A.G. – Eu estava me lembrando de uma entrevista que eu ouvi essa semana, você estava falando de determinismo, de formação clássica, de positivismo, e um cientista social dizia que achava que, hoje em dia, as pessoas não têm mais que ficar lendo Weber e Bourdieu para pensar o Brasil que a gente... Isso entra um pouco tanto no estudo do Brasil como nessa interação dos países de língua portuguesa, não é? Se a gente não tem que se valer dos nossos instrumentos ou das coisas que são produzidas aqui, e hoje, talvez, num momento mais próximo ao atual, para pensar o hoje. E você escreve sobre Weber, você analisa a parte de Weber. E, por isso, eu pensei nisso.

E.R. – Quer dizer, eu acho também que faz muita falta uma reflexão mais situada. O problema é que a gente... Eu acho que a ciência social brasileira, ela é engraçada. Por um lado, ela é muito voltada para o Brasil, para a singularidade brasileira e... Eu acho que é muito mesmo, não é? Você vê que História do Pensamento Social tem mais espaço do que a maioria das especializações. Por outro lado, a referência externa é muito forte, porque a gente escreve o tempo todo como se quiséssemos impressionar lá fora. Então, nesse sentido, é muito difícil você ter um texto brasileiro que seja autocompreensivo. Por exemplo, quando eu escolho um livro – eu dou o curso de Teoria III, que no Ifcs é Sociologia Brasileira – é muito difícil você achar um artigo que seja... Quer dizer, tem muito artigo muito interessante e muito bom, mas é difícil um artigo que fale assim – agora, eu vou tratar disso, de tal assunto. Ter um caráter mais didático ou, pelo menos, mais básico. Não tem. Os artigos vão todos comentando os últimos autores.

H.B. – Eu posso ler no que você está dizendo que a ciência social brasileira não desenvolveu pesquisa própria, porque o que faz essa combinação de uma interpretação sobre o Brasil com alguma coisa que seja original, é também uma busca e uma análise sistemática de algum tema, de algum problema, de alguma questão. É possível que falte pesquisa ou uma orientação de pesquisa com essa...? E.R. – É. Quer dizer, pesquisa até tem, Helena. Eu acho que é esse segundo caso. Falta uma orientação de pesquisa que seja... não singularizante, porque a gente tem uma multiplicidade de estudo de caso inacreditável. Os estudos de caso poderiam ser feitos, não tenho nada contra, mas tentando responder questões mais genéricas e mais

universais. É isso que você não tem. Eu acho que tem uma ênfase tão grande nas peculiaridades, nas particularidades de cada caso... É isso que eu estou falando que eu acho difícil. Por exemplo, eu quero dar um curso de Teoria Sociológica Brasileira, mas eu não tenho artigos que tratem, digamos, a questão agrária no Brasil, essa é uma área que tem muita pesquisa, mas são pesquisas fragmentadas. É como se a pesquisa fosse artesanal: cada uma tem a sua originalidade; mas não junta, aquilo não é sistemático, não forma um conhecimento geral. Então a gente tem milhares de estudos de caso sobre problema rural brasileiro e você não tem um livro que te dê um mapa geral. O que é a questão agrária brasileira? Quais são os problemas centrais da pequena propriedade, da propriedade fundiária média? Você não tem uma visão de conjunto. Eu acho que falta orientação de pesquisa. A preocupação com a originalidade mata a sistematicidade.

H.B. – Você acha que os Estados Unidos é muito diferente nisso?

E.R. – Ah é.

H.B. – Mesmo as pesquisas mais locais, elas têm esse referente. É isso?

E.R. – Elas respondem a questões...

H.B. – Da teoria.

E.R. – Da teoria, e não a questões da singularidade do objeto. Se você não tiver uma questão – que é chamado lá de *research questions* – se você não tiver uma *research question*, você não ganha financiamento para fazer pesquisa. Pelo menos na Sociologia e na Ciência Política.

H.B. – E aí não importa se o campo empírico é a comunidade mais...

E.R. – É. Não interessa. Pode ser uma coisa totalmente singular, mas a pergunta que você está fazendo é mais ampla, é genérica.

A.G. – A que se deve isso, você acha? Ao fato de os nossos padrões, moldes teóricos estarem no exterior, de repente não tem essa tradição de fazer?

E.R. – É, isso é uma coisa que acontece muito nos países de Terceiro Mundo. Você veja que a Índia está o tempo todo tentando impor uma ideia de que a teoria lá é mais básica, que eles... Mas é... Porque a ciência social nasceu na Europa Ocidental, então... E é impressionante. Quando eles fazem sociologia, eles fazem pensando a Europa ou os Estados Unidos. Isso é fundamental. Nós...

H.B. – “Eles” é quem? Índia?

E.R. – Não, os europeus. Os sociólogos em geral. Quando eles têm de falar de história da sociologia, o que é que aparece? Europa e Estados Unidos. No Brasil e em outros países parecidos com a gente acontece essa coisa paradoxal: por um lado, os nossos referenciais teóricos são todos externos; por outro lado, a gente insiste na singularidade do objeto. Então a gente faz uma ciência que é muito interpretativa, que está o tempo todo interpretando a singularidade brasileira. E é isso que eu acho que a Índia faz também. Só que a Índia faz com mais ambição do que a gente. A Índia pretende ter uma ciência que é mais antiga e mais abrangente do que a ciência ocidental. É uma pretensão só, cá entre nós. A gente não, nem isso. Nós continuamos muito voltados para a teoria lá. Você vê agora, por exemplo, tem uma grande controvérsia aí, com a história do... como é que é?... [Multimodernism] -, que é o grande *plá* aí, supostamente, propondo uma originalidade do Terceiro Mundo, não é? O [multimodernism] me parece uma dependência [*adjornada*], porque continua sendo uma conversa um pouco ressentida com o que tem lá. Eu acho que enquanto tiver essa ideia do ressentimento nós não estamos avançando. No meu entendimento, para poder avançar, a gente teria que ter uma ambição teórica que desse conta não só da gente mas deles também. Como eles fizeram. Eles pensam o Ocidente e pensam o mundo em geral. Acho que é por aí.

H.B. – Elisa, você acha que isso que você está falando é mais da Sociologia, isso é uma questão da Sociologia, isso é uma questão da Ciência Política, isso não é uma questão da Antropologia, ou é? Quando você está falando nas Ciências Sociais, você está pensando nas três?

E.R. – Eu tenho mais dificuldade de abranger a Antropologia, tá? É uma coisa engraçada. Desde o começo, eu tive o curso de Antropologia na graduação, mas eu sempre tive mais

dificuldade de ver como é que ela se encaixa nesse universo. A ideia, por exemplo, da noção de explicação, de causalidade, eu não sei, para mim não é claro como é que a Antropologia equaciona isso. Eu tento...

H.B. – Pode não ser uma questão.

E.R. – Pode não ser uma questão. Eu sei que eles têm muito mais dificuldade em separar teoria e pesquisa empírica. Eu sei que eles são uma ciência social e são uma ciência social fundamental, importante; mas eu vejo... Eu não consigo transitar com naturalidade nesse território.

H.B. – Então, mas quando você está dizendo: “falta ciência social brasileira, esse esforço de universalização”, você fala isso incluindo a Antropologia? Isso é Brasil ou é da Antropologia? Nos Estados Unidos, também, você veria assim a Antropologia?

E.R. – Sim. Quer dizer, tem sempre exceções. Mas eu vejo, lá também, assim.

H.B. – Quer dizer, é alguma coisa própria *do campo*.

E.R. – Do campo, é. Eu acho que a Antropologia está tão preocupada com decodificar a teoria, decodificar as generalizações, que eu não sei... é aí que eu tenho dificuldade – como é que você legitima... quer dizer, o que fundamenta a objetividade da Antropologia? Eu não sei. Me escapa. Eu sei que tem, eu respeito, sei que tem, mas eu não tenho intimidade com essa forma de pensar.

H.B. – Ela pode ter se constituído com um padrão inteiramente distinto desses.

E.R. – Pode, certamente.

H.B. – E aí não é o caso brasileiro isso?

E.R. – É. Até porque... É. Uma das dificuldades que eu tenho, como eu estava te falando, eu lido mal com a dimensão cultural, só mais recentemente que entrou. E acho que, para a Antropologia, ela é basilar.

H.B. – Sim. Sim.

A.G. – A gente pode falar de instituições? Tirando a universidade, você transita e tem cargos executivos seríssimos nessas instituições, Ipsa, ISA, Anpocs. Eu queria que você falasse um pouquinho da importância delas para você. Porque, por um lado, elas ajudam a consolidar alguns campos, eu entendo, mas elas servem mais para trocar, não é?

E.R. – É. Quer dizer, para mim, no começo da minha trajetória, estar ligada à Ipsa, por exemplo, era realmente vital e era uma tábua de salvação. Isso era o mundo para a internet, mundo de passagens aéreas muito caras, então eu me sentia muito isolada. Era uma coisa muito penosa para mim. Então, ter um vínculo institucional fora do Brasil era uma coisa que eu prezava muito. E a Ipsa me deu isso, realmente, eu sou muito grata. A primeira reunião de Ipsa que eu participei, eu era aluna de doutorado, eu escrevi um artigo com Simon Schwartzman e apresentamos na Escócia. Foi minha primeira publicação internacional também. Eu tinha escrito, em espanhol, no Chile, mas era de circulação restrita. Então isso foi a minha primeira apresentação oral e publicação em inglês. Aí eu fiz muito contato – pessoal e profissional. Aliás, tenho um pouco de dificuldade de separar essas coisas. E acho que Ipsa me deu oportunidade de interagir com muita gente, muito boa. E eu tinha também o privilégio de estar no Iuperj, onde eu tinha um pé na Sociologia e outro na política. Eu dava curso nas duas áreas, eu convivia, eu tinha alunos das duas áreas, e isso era uma coisa muito boa. E eu comecei a investir na ISA, muito tarde. A primeira reunião de ISA que eu fui foi em 1990. Porque eu estava bem na política, mas... um pouco pela trajetória de pesquisa e tal, eu fui sentindo que devia procurar a ISA. E se repetiu a mesma coisa: eu fiz contatos muito promissores, muito bons, do ponto de vista intelectual e do ponto de vista pessoal também. Ainda hoje eu acho, para a gente, que está na periferia da ciência social, ter acesso a essas instituições é uma coisa muito boa. Eu lamento que as pessoas não tentem mais, porque é fácil. Elas são muito permeáveis. Eu gostaria que as pessoas, que os alunos aqui tivessem isso mais presente. Ainda é difícil para a gente, sobretudo, pela questão da língua. Acho que é isso que torna mais difícil. Porque do ponto de vista de acesso institucional é bastante tranquilo; é muito aberto, muito democrático, é fácil de entrar.

A.G. – Agora esses cargos – eu chamo de executivos, mas não sei quão executivos eles são – é importante, por um lado, para a vida acadêmica, para a trajetória acadêmica, ocupá-los, e é um sinal de reconhecimento; mas é contraproducente ocupar esse tipo de cargo?

E.R. – É... É um pouco. Contraproducente no sentido de que te rouba tempo. Isso não tem dúvida. Tem custos e benefícios. São cargos que, no mais das vezes, eu assumi, aí sim, pensando no Brasil. Falei, “não, alguém do Brasil tem que fazer isso”. Tem um pouco de... Aí sim, a identidade nacional pega, pela primeira vez. E te toma um pouco de tempo, não há dúvida, mas também te abre muitas portas. Quer dizer, eu pensei no Brasil, mas é claro que eu me beneficiei pessoalmente desses contatos.

A.G. – E esses fóruns, você acha... É uma reflexão minha muito recente, até porque eu não frequentei ainda esse tipo de fórum. Mas você diz que as instituições são muito permeáveis e que aceitam, e eu sei que pessoas da Antropologia, por exemplo, circulam em fóruns da Sociologia e a Anpocs, que mistura todo mundo. Teve uma reunião recente da ABA, e o que me contaram é que é muito permeável, vem muita gente, aceitam muitos trabalhos, mas não tem espaço para debate de fato, porque tem tanto trabalho a se apresentar, você não consegue nem pensar sobre que você disse ou pensar no que os outros da sua mesa disseram. Essa permeabilidade toda, de certa forma, ela não cria um sufocamento?

E.R. – É, é difícil. Eu concordo com essa opinião. Quer dizer, sobretudo quando você está entrando nessa área, que você não conhece quem é quem, você está inseguro, isso é óbvio. A questão é que, depois que você entra no... Assim, ele te dá oportunidades específicas. Por exemplo, você apresenta um trabalho numa mesa, você nem ouviu o que o seu colega falou, mas alguém te ouviu, e chega e fala “escuta, estou montando um projeto comparado. Você não quer entrar pelo Brasil?” Eu me beneficiei muito disso. Trabalhei muito. Hoje em dia me ocupa porque eu estou em cargo, como você disse, executivo; mas, quando eu era *só* uma intelectual que apresentava trabalho, era muito útil. Eu fiz muita coisa conjunta com os outros, publiquei, assim: alguém chegava, falava “ eu tenho um projeto, você não quer entrar?”. A ideia do contato face a face, que é importante. No grande *network*, você não vai auferir muita coisa, mas alguém te abre uma oportunidade e você, dali, começa a frequentar um GT específico, e aí você vai criando seus *nets*.

H.B. – Você teve a Ipsa, que foi uma âncora, não é, de onde saiu, depois, a ISA, você já entra como alguém mais ...

E.R. – É. Já estava mais madura.

H.B. – Mais madura, já interferindo. A SBS aqui, você, praticamente...

E.R. – Participei da ressurreição. [risos]

H.B. – Participou para a ressurreição. E a presidência da Anpocs, que te deu essa noção muito mais nacional, do que são as Ciências Sociais no Brasil, tudo isso. Quer dizer, de um lado tem as universidades e de outro tem as associações nacionais e internacionais.

E.R. – É. Eu acho que eu tenho uma conexão entre elas, Helena. Uma das coisas que eu tive muita facilidade nessas organizações internacionais é que – de novo – eu era das poucas pessoas que tinha trânsito fora porque – por exemplo, você precisa de representante para o Terceiro Mundo, precisa de representante mulher –, eu era, de certa forma, híbrida, porque eu era essas duas coisas mas eu tinha uma socialização dentro de uma universidade americana que é muito reconhecida. Então eu era uma pessoa muito instrumental naquele momento. E, de novo, eu acho que eu me beneficieei disso. Eu vejo, eu sinto isso. A gente de repente precisa de... “temos que botar alguém da África!”, e aí, se tiver algum africano que tem socialização na Europa ou nos Estados Unidos, é ele. Quer dizer, eu acho que eu tive essa vantagem. Por isso, era mais fácil. No caso da ISA, é interessante, porque eu entrei... eu gosto muito de mencionar isso, eu entrei via mercado, eu não conhecia ninguém. Eu era conhecida na Ipsa, que não tem interação com a ISA. Simplesmente, eu ofereci um trabalho na mesa que o Alexander estava coordenando. Aí começou minha interação com ele. Quer dizer, eu tinha uma vez comentado o trabalho dele quando ele veio aqui no Anpocs, mas eu não desenvolvi nenhum contato pessoal. Foi quando ele aceitou o meu trabalho - eu acho que ele nem se lembrava que eu tinha comentado ele aqui - que eu comecei a interagir com ele e com as demais pessoas do grupo de teoria da ISA, que eu acabei sendo a presidente. Que é onde eu estava, na Coréia, agora, na reunião deles. Não sou mais presidente, mas estava lá. Aí eu acho muito legal, porque foi via mercado. Eu li um *call for papers*, mandei o meu [*abstract*], investi nisso.

H.B. – Elisa, esse seu investimento no tema da desigualdade te jogou para outra esfera, não é, porque você já transita por outros campos de pesquisa muito diferentes. Acho que a gente podia falar um pouco disso.

E.R. – É, é verdade.

H.B. – É uma alteração, com relação até onde o Memorial ia, é inteiramente distinto. Eu sei pelas viagens.

E.R. – É, não, pois é, mudou muito. Eu até acho que apesar de todo preconceito que eu tenho com a *Public Sociology*, ao adotar esse tema, eu fiquei mais preocupada com a relevância daquilo que eu estou produzindo para fora da academia. Isso eu acho que é inevitável. E a história desse estudo de desigualdade é engraçada, porque eu fiz o estudo brasileiro, e por essa razão que eu estava comentando com vocês, da sociedade e mal-estar, eu resolvi que ia estudar desigualdade; eu acho que foi a primeira vez que eu fui um pouquinho empresarial do ponto de vista de buscar recurso. Porque no Iuperj, a gente era privilegiado, estudava o que quisesse, não precisa buscar dinheiro, nem nada. Quando eu quis estudar isso, eu precisava de recurso, aí eu me lembro que eu convenci outras pessoas no Iuperj de a gente fazer um projeto sobre elites estratégicas no processo de democratização, que era caro, tinha que envolver mais gente. Dentro desse estudo, eu pequei percepção das elites. Era o César Guimarães, Renato Boschi, a Regina... Éramos seis pessoas que, juntos, fizemos um projeto para estudar elites estratégicas. Eu só estava preocupada com desigualdade, eles estavam preocupados com outras dimensões do estudo. Quando eu acabei o estudo sobre o Brasil, alguém fora do Brasil leu aquilo e tal, eu acabei em contato com o *Comparative Research on Poverty*, que é um *network* que estuda desigualdade. E eu montei uma reunião aqui sobre meu projeto, essas pessoas vieram; convidei uma porção de gente de fora. Foi a primeira vez que, de fato, eu tinha recurso meu para essa reunião “Visão das elites sobre pobreza”. E essa pessoa que coordenava esse *network* internacional ficou muito fascinada e me propôs: vamos fazer um estudo desse, comparativo. “Quem você quer? Quem é bom nisso?”. Aí eu mencionei uma pessoa, que eu não conhecia, eu falei: “olha, eu estou seguindo o modelo teórico do [Avram Desuan], que é um livro que eu gosto muito. Ele é um holandês, mas eu não conheço”. Ela, que é uma sueca, procurou esse cara; e, por internet, a gente montou a equipe. Durante um ano, a gente só conversou por internet. Aí já eram outras épocas, não é? Até que marcamos uma reunião em Paris para a gente se conhecer. E daí surgiu o projeto, que pegou África do Sul, Bangladesh, Filipinas, Haiti e Brasil. E Índia também, que acabou não sendo incluído no final, mas que fez parte.

H.B. – E foi outra rede. Que se mantém?

E.R. – É, aí foi outra rede. Sim, foi outra rede que fui montando. Aí voltei um pouco a incorporar muita gente da Ciência Política. Quando eu faço pesquisa, em geral sensibiliza – uma pesquisa empírica – em geral, sensibiliza mais o pessoal da política, pelo tipo de tema. Então...

H.B. – Ou pelo tipo de metodologia?

E.R. – Talvez pela metodologia. *Survey* e tal. Acho que talvez, é. E aí foi assim. Nesses projetos, eu tinha cientistas políticos e economistas. E teve um único caso de um antropólogo, que eu convidei o Omar para fazer Haiti. Eu financiei o estudo do Haiti. Com meus recursos para o Brasil, estendi para lá. O resto, cada um pegou os seus próprios recursos. Mas o Omar, que já tinha trabalhado... O Omar, lá de São Paulo, Omar Thomaz, ele fez a parte do Haiti. Hoje em dia, esse projeto que eu tenho, atualmente, sobre ONG, é difícil fazer as pessoas entender o que eu estou querendo porque eu não estou interessada nas ONGs, eu estou interessada na relação da ONG com o Estado, como é que os dois dividem a política social nisso. Isso já está me jogando para outro tipo de interação. Já tem muito mais gente da esfera de sociedade civil dialogando com a gente.

H.B. – Só está voltando para o Estado.

E.R. – É.

A.G. – Só para não deixar de fora as coisas previstas naquele roteirinho. A gente botou no fim, um pedido para o entrevistado citar uma obra que o teria influenciado. Mas antes disso...

E.R. – Não devia falar, porque a gente começa a pensar. [risos]

A.G. – Não é? [risos] Na verdade é para eu não esquecer de perguntar.

E.R. – Mas eu já sei qual foi a obra, não tem problema.

A.G. – Retomar uma coisa que você cita, permeia todo o Memorial também, de referências. Nomes que são suas referências e pessoas que você formou e das quais você se orgulha ou você sente que estão levando uma pesquisa relevante adiante, ou temas importantes adiante.

E.R. – Bom. Referências, no Brasil, que eu tenho fortes, eu acho que são essas da minha graduação e de mestrado. Fábio Wanderley Reis, o Simon Schwartzman são as duas referências mais fortes. Diversas outras pessoas claro que influíram, mas esses dois aí eu acho que foram mais formativos, na minha trajetória. E fora do Brasil... Que eu cheguei a interagir?

A.G. – Ou não, não necessariamente.

E.R. – Ah tá. Quem eu interagi, que me marcou bastante, tem, por exemplo, Hayward Alker, que morreu recentemente. Morreu muito jovem. Era uma pessoa muito brilhante, que estudou Física e depois Ciência Política, que tinha um livro muito famoso, *Matemática para Ciências Sociais*. E eu fui aluna dele de metodologia, embora a área dele, mesmo, fosse Relações Internacionais. Mas talvez, até pela personalidade dele, que era uma personalidade, que apesar de muito louca, foi uma referência importante para mim. O Samuel Huntington foi, acho, talvez o melhor professor que eu tive. Como professor, muito bom. Quem mais? A Suzanne Berger, que foi minha orientadora, foi muito forte. O Karl Deutsch, que eu tive pouco interação, mas que eu respeitava muitíssimo. O Barrington Moore. Quem mais? Deve ter mais gente aí que eu achei interessante, mas esqueci agora. Basicamente, são esses aí que eu tive contato de alguma forma, como aluna. O Albert Richmond, que como professor não era bom, mas como pessoa era encantador e muito inteligente. E fora de contato de aula, eu acho que a pessoa que eu tenho mais admiração, que eu convivi de alguma forma, foi o Bendix. E acho que se eu tiver que citar um livro, como você estava perguntando, eu acho que eu cito o *Nation-building and Citizenship*. Aí é difícil separar o que é Bendix, o que é Weber. Ele é estritamente weberiano, mas o fato é que eu gosto muito da interpretação que ele tem de Weber. Eu acho que ele foi muito... Ele é um teórico, ele próprio. Quando ele diz que está falando da biografia intelectual do Weber, no *Weber: Intellectual Portrait*, ele está de fato fazendo mais, ele está inovando, mas é muito na mesma linha. E eu estava aqui pensando, tinha uma outra pessoa, quando eu estava falando Weber, que agora me escapou. Ah! Claro. Na França, Raymond Aron. A minha leitura do Weber é muito influenciada pelo Aron, que é um Weber muito mais político, menos metodólogo. Eu acho que esse é muito forte.

H.B. – É interessante que Bendix também não entra em metodologia. Acho curiosíssimo isso.

E.R. – É, é verdade. Agora meus alunos, tem uma porção. Eu começo citando a minha aluna aqui, a Helena Bomeny. [risos] Não, tem muita gente mesmo. Realmente, eu fui... assim, como aluno de graduação, eu estava contando para a Helena antes, que eu fui professora do Eduardo Viveiro de Castro e do Eduardo Escorel, na PUC, que eram alunos assim... nota dez. Realmente, muito bons alunos. Tânia Salem foi minha aluna na PUC, a Maria Helena Castro Santos. Quer dizer, muita gente, que fez graduação e que eu prezo muito como pessoa e como profissional. Mas eu lembro desses nomes, assim de imediato. No mestrado é que a Helena aparece. A gente teve uma interação muito boa. E outras pessoas que trabalharam, que eu orientei. Helena foi minha aluna de curso, quer dizer, eu não orientei. Mas eu acho que a pessoa que mais parece com o tipo de trabalho que eu faço é o Gilberto Hochman, que está na Fiocruz. Orientei outras teses históricas, por exemplo, a tese da Eliza Linhares, lá de Minas. Mas quem eu sentia que tinha a minha marca... Eu não acho que eu sou muito disciplinar. Que eu formo discípulos. Eu não tenho muito, eu, dificilmente, tenho discípulos. As pessoas trabalham com temas muito variados. A primeira vez que eu senti que alguém estava fazendo algo muito parecido com o que eu faria, foi o Gilberto. E agora, mais recentemente, embora mais quantitativa que eu, a Mariane Koslinski, que trabalhou com ONGs. Mas entre essas teve muitas outras pessoas assim. A Maria das Dores trabalhou com religião, que é um tema que eu nunca estudei, mas que eu acho que eu marquei, pela forma de trabalhar, pela metodologia, pela teoria. Foi uma marca importante. O Fabio Faria, que está na Universidade de Viçosa, que eu acho um dos melhores pesquisadores brasileiros. Ele tem uma formação original de História, depois fez Ciência Política, no Iuperj, comigo. Mestrado e doutorado. Eu devo estar esquecendo gente, porque eu tive muito bom aluno pela vida, mas esses aqui são os que eu lembro de imediato.

A.G. – Essa pergunta é horrível, porque a gente sempre e provavelmente esquece.

E.R. – É. Depois você fala: “puxa! Que ingratidão com fulano”. [riso]

A.G. – Vai para casa pensando nisso.

E.R. – É.

A.G. – Bem. Só queria perguntar se mais alguém tem alguma coisa a perguntar, se você tem alguma coisa a colocar.

E.R. – Não. Eu sempre peço desculpas. Porque vocês me deixam à vontade, eu falo muito desconexo, não é?

H.B. – Não!

A.G. – Nem um pouco.

[silêncio]

E.R. – Quando eu estou menos à vontade, acho que sai mais arrumado.

H.B. – Não. A única coisa que eu posso falar, para fechar, é que vocês não sabem o que perdem não sendo alunas dela. É inesquecível.

E.R. – Olha aí que troca.

A.G. – Eu posso ser ainda. E você também.

H.B. – Pode ser. Seja.

E.R. – Vou fazer propaganda. Venham para os meus cursos. [risos]

H.B. – Muito obrigada, Elisa. A gente volta a conversar.

E.R. – Está bom. Obrigada.

[FIM DO DEPOIMENTO]